

O DIÁRIO DE UMA FAVELADA E O DECOLONIALISMO: CAROLINA MARIA DE JESUS, MICHEL FOUCAULT E SIMONE WEIL

CHILD OF THE DARK AND DECOLONIALISM: CAROLINA MARIA DE JESUS, MICHEL FOUCAULT AND SIMONE WEIL

Marcos Antônio da Silva Santos Ferreira¹

Resumo: O presente trabalho busca traçar um diálogo entre a filosofia e a literatura, visando uma abordagem interdisciplinar acerca da questão do decolonialismo, tendo como material primário a obra *O diário de uma favelada* (1960), da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Buscamos abordar a obra tendo como horizonte interpretativo o pensamento do filósofo Michel Foucault com a noção de escrita de si, sendo uma das ferramentas utilizadas para o cuidado de si, como o concebe em sua *Hermenêutica do sujeito* (2010). Também buscamos apoio em Simone Weil, em um diálogo com suas colocações acerca do colonialismo e da ideia de desenraizamento da alma, presentes nos escritos *Contra o colonialismo* (2019) e *O desenraizamento* (2001).

Palavras-chave: Escrita de si. Literatura e filosofia. Desenraizamento. Colonialismo. Subjetivação.

Abstract: This essay seeks to build a dialogue between philosophy and literature, aiming at an interdisciplinary approach to the issue of decolonialism, having as main material the literary work *Child of the dark* (1960), by the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus. We intend to approach the issue having, as an interpretive horizon, the thoughts of the philosophers Michel Foucault and Simone Weil. Foucault's idea of self-writing, worked by the author in his seminars and, above all, the idea of writing as self-care and interpretation of the subject as an active part in the process of its

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) com bolsa de excelência CAPES. Intercambista do programa Erasmus+ na Katholische Privat-Universität Linz (KU-Linz). Graduado em filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Fundador e membro do grupo de estudos e pesquisa FILPSI (2020-). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6767-7484>. Email: contactme.marcos@gmail.com.

subjectivization. And Weil's with her statements on colonialism and the idea of uprooting the soul.

Key Words: Self-writing. Philosophy and literature. Uprooting. Colonialism. Subjectivization.

Introdução

“...Os políticos sabem que sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (Maria de Jesus, 2014, p. 39).

Estabelecer pontos de conversação entre a filosofia e a literatura por muitas vezes faz com que se levantem diversas suspeitas. Quais seriam as possibilidades de correlacionar ambas? Como? Quais os limites dessa possível correlação? E até mesmo se essa união seria de alguma forma frutífera. Pois bem, neste artigo buscamos abordar a obra *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (1960) da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, interpretando-a como ferramenta para auxiliar nosso pensamento sobre a decolonialidade. Movimento este que, na literatura, se mostra similar ao que foi engendrado pelo realismo mágico na Colômbia, tendo como maior expoente o escritor Gabriel García Márquez. Tendo como único diferencial que a obra acima citada foi escrita por uma mulher negra da primeira favela de São Paulo durante os anos 50 no Brasil.

Carolina Maria de Jesus foi, por muitas décadas, ignorada e esquecida pela academia e por toda a classe literária, de escritores a editores, diferentemente de alguns de seus companheiros escritores da mesma época, como, por exemplo, Clarice Lispector. Ambas tiveram suas obras mais famosas publicadas no ano de 1960, chegando a se conhecer em ocasião do lançamento do diário de Carolina. Os motivos não são difíceis de imaginar, mesmo tendo produzido e publicado outras obras, como *Casa de Alvenaria* (1961), *pedaços de fome* (1963) e o livro póstumo *diário de Bibita* (1982), todos por conta própria, Carolina nunca conseguiu alcançar o mesmo sucesso de sua publicação de estreia. Pior que ser relegada ao fracasso comercial e ter as portas fechadas para ela durante toda a sua vida, é ter tido seu legado como escritora e poeta negado por aqueles que constituíam e ainda constituem o espaço literário, em especial a crítica especializada, que por muitas vezes a consideram apenas como uma ocasião do destino. No entanto, a obra de Carolina vem ganhando novo fôlego e encontrando também um novo público, sedentos por alguém que espelha uma realidade muito distinta, como foi o caso da autora.

Utilizando-nos de uma analogia feita por Haruki Murakami em *Romancista como vocação* (2017): O mundo literário poderia ser pensado como um ringue de luta livre, onde qualquer um poderia subir, ter seu momento de glória, mas, isso não significa que subir ao ringue te dará o direito de continuar nele durante muito tempo! E Carolina

certamente se encontrou lançada dentro desse ringue, mas não saiu dele por falta de força ou por vontade própria, mas por ter as luzes apagadas após a primeira vitória.

Carolina contesta o dizer que os subalternos, os periféricos, não tem uma voz, muito pelo contrário, eles têm voz! No entanto, não damos ouvidos a essas vozes dissidentes e, quando elas se fazem notar, nós as escutamos por alguns minutos e logo pedimos seu silêncio novamente para não incomodarem aos outros com suas questões muito particulares, subjetivas e distantes de mim: a miséria, a fome ou o preconceito. Um caso criticado por Simone Weil, que em sua obra *Contra o colonialismo* (contendo ensaios escritos entre 1936 e 1943), adverte o povo francês de sua própria hipocrisia, ao virarem os olhos para os horrores perpetrados pelo governo francês em países da África. Escreve ela:

Na verdade, parece que os franceses ficaram muito mais abalados pelos acontecimentos na China do que pelos do norte da África. Sem dúvida, na China, mata-se muito mais gente, matam-se até crianças – mas, se pararmos para pensar nisso, como será que vivem os filhos dos que foram mortos recentemente pelas balas francesas no Marrocos? Enfim, sobre o que está acontecendo na China, não podemos fazer muita coisa e não temos certeza de que uma ação nesse sentido não incendiaria a Europa e o mundo. Já no norte da África, poderíamos ser um pouco humanos, poderíamos preservar a vida das crianças – porque as crianças não morrem apenas com bombas lançadas de aviões, a fome também as matam – sem correr riscos tão assustadores. Bastaria querer (Weil, 2019, p. 34).

Apontando essa falta de congruência no discurso preocupado dos franceses em relação aos acontecimentos da China, Weil busca mostrar, justamente, a forma como agimos quando próximos dos horrores que causamos aos outros: olhamos para o outro lado e escolhemos um novo objeto de piedade, algo que repare para nós mesmos a violência que causamos.

A literatura, por sua vez, como forma de transmissão, tem o potencial revelador que outras manifestações da linguagem não possuem, ela pode detalhar aquilo que muitas vezes passa despercebido ou que somente a "voz interior" do escritor é capaz de exprimir. Colocando-se à frente de nosso estudo, a literatura irá servir como veículo de discussão sobre o decolonialismo como um movimento necessário para compreensão do lugar em que vivemos e suas diversas facetas. A escrita de Carolina Maria de Jesus como um ato de resistência às intempéries da vida, mas também como testamento, registro do funcionamento das forças de poder que atuam pelo tecido social brasileiro e como devemos tensionar essas questões para que se levantem respostas, e possivelmente, mais perguntas sobre o estado da sociedade brasileira em seu estado mais íntimo, pois nada mais íntimo que um diário.

Os filósofos franceses Michel Foucault e Simone Weil, apesar das críticas frequentemente direcionadas a Foucault por muitos pensadores decoloniais, oferecem importantes contribuições para auxiliar na reflexão sobre o colonialismo.

Sobretudo, nas formas como as relações de poder se fazem exercer e proporcionam um terreno fecundo para que o colonizador continue sendo sentido dentro da malha social, mesmo após sua partida, influenciando diferentes aspectos da sociedade que se encontra, agora, em posição de submissão.

O que Foucault faz é, muito claramente, uma leitura histórica dos mecanismos em ação na Europa em diferentes séculos. Sabendo disso, sua obra não deve ser interpretada com a pretensão de uma universalidade, em que a leitura dos mecanismos de poder funcionaria da mesma forma em lugares diferentes, como uma fórmula pronta para o entendimento desses mecanismos. O que pretendemos mostrar, no entanto, é como as leituras realizadas por Michel Foucault podem ser vistas a partir de perspectivas decoloniais e, assim, auxiliar-nos em nossa empreitada. Entendemos que o conhecimento e as formulações de um pensamento próprio estão sempre perpassados por nossas relações com outros indivíduos, culturas, línguas e pensamentos. Portanto, formular um pensamento autônomo pode, sim, ser uma construção diversa, que envolve o pensamento e as teorias de outrem.

Temos, por exemplo, Heisaku Kosawa², que construiu sua teoria acerca do complexo de Ajase tendo como base seus estudos da teoria psicanalítica Freudiana, tendo inclusive se encontrado com o pensador vienense em algumas ocasiões. Kosawa se utiliza, para compreender elementos da psique japonesa, de um mito budista que trata das complicações nos relacionamentos entre mães e filhos, os impulsos de raiva dirigidos à mãe e, a consequente culpa sentida como resultado desses impulsos.

Outro exemplo interessante, foi o trabalho realizado pela filósofa brasileira Lélia Gonzalez. Ela se utiliza de conceitos freudianos como a ideia do inconsciente e de um objeto parcial, assim como também se utiliza dos registros lacanianos do real, do imaginário e do simbólico³, para a construção de seus argumentos sobre a objetificação do corpo de mulheres negras e do que ela chama de racismo à brasileira. A filósofa faz utilizar esses conceitos para da mesma forma refletir sobre nosso legado como um país colonizado. Aponta ela, por exemplo, que:

Enquanto denegação de nossa ladino-amefricanidade, o racismo “à brasileira” se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial” brasileira). Para melhor entendimento dessa questão, numa perspectiva laciana, é recomendável a leitura do texto brilhante de M. D. Magno (Gonzalez, 2018, p. 322).

² Considerado um dos primeiros psicanalistas japoneses. Chegou a estudar psicanálise em Viena e encontrar-se com Sigmund Freud em duas oportunidades.

³ As dimensões do real, simbólico e imaginário na teoria laciana servem como pilar de todo o pensamento e ensino do psicanalista. Os diferentes registros representam diferentes aspectos psíquicos, se interlaçando na construção da subjetividade do sujeito.

Além de se utilizar de um aporte psicanalítico, Lélia Gonzalez retoma a questão do colonialismo e suas ramificações, mas apontando como essas ramificações se tornaram tão sofisticadas, a ponto de não as reconhecermos a primeira vista como um legado do colonialismo, movimento similar ao de Michel Foucault e sua leitura dos mecanismos de poder no corpo social. Escreve a autora:

No decurso da segunda metade do século XIX, a Europa transformaria tudo isso numa tarefa de explicação dos (a partir de então) “costumes primitivos”, numa questão de racionalidade administrativa de suas colônias. Agora, em face da resistência dos colonizados, a violência assumirá novos contornos, mais sofisticados; chegando, às vezes, não parecer violência, mas “verdadeira superioridade”. Os textos de um Fanon ou de um Memmi demonstram os efeitos de alienação que a eficácia da dominação colonial exerceria sobre os colonizados (Gonzalez, 2018, p. 321).

Com essa reflexão, podemos perceber essa violência, por exemplo, nas tentativas de descaracterização da obra de Carolina, onde se tentou apagar uma das marcas de sua subjetividade, nominalmente, sua escrita “errada”, seus erros de português, que eram vistos por muitos como justificativa para sua desclassificação, ou seu desmerecimento como escritora.

Em alguns de seus seminários, em especial na *Hermenêutica do sujeito* (2010), Foucault buscou recuperar a noção de cuidado de si como uma maneira do sujeito pôr-se de forma autônoma no mundo, conhecendo suas falhas e paixões. Esse cuidado, durante diferentes períodos da história, da antiguidade à era do advento cristão, se utilizou de diversas ferramentas com intuitos específicos de transformação da posição do sujeito no mundo. Dentre essas ferramentas, podemos encontrar a escrita de si, presente no período helenístico e romano sob a forma de escrita de *hypomnemas* e correspondências.

Michel Foucault argumenta que essa noção, a de cuidado de si, foi historicamente lançada às sombras, sobrepujada pela ideia do conhecimento de si. Porém, como aponta o filósofo, para conhecer a si mesmo é necessário, antes de tudo, que se cuide de si mesmo. Estes são movimentos que se interligam. Assim sendo, o cuidado de si engendra no sujeito, ao fim de todo um trabalho sobre si, o conhecimento de si mesmo, em um encontro com a verdade.

Historicamente, essa ideia de um cuidado de si teve diversas ramificações, desde a antiguidade, passando por transformações com o advento do cristianismo, tendo o cuidado de si agora como uma recomendação de cuidado com os desejos, ou seja, uma forma de supressão dos desejos em favor da purificação do corpo.

A noção de escrita de si trazia em seu cerne a ideia de que, ao documentar seu dia, o indivíduo teria a possibilidade de, ao repensar seu dia, reconhecer suas faltas, suas paixões ou mesmo reconhecer as virtudes adquiridas ao longo do tempo, lendo e relendo seus escritos. Um dos aspectos desses escritos é que eles não

permaneciam privados; eram produzidos com a possibilidade de servir a outros, como um remédio para a alma. Ou seja, esses textos poderiam ser lidos como recomendações sobre o que fazer em momentos de perturbação. A escrita de si era, então, uma forma de troca com o outro, com um semelhante. Era a escrita pensada a partir das relações de si consigo mesmo, mas também das relações de si como o outro.

E com esse intuito que Carolina também concebe seu diário, como uma ferramenta para auxiliá-la em seus esforços de se entender como sujeito e compreender sua situação no mundo, buscando, a partir disso, encontrar uma nova posição: a de sujeito, e não de assujeitado, que era a condição do favelado frente ao resto da cidade.

Simone Weil, por sua vez, ao buscar refletir sobre o colonialismo, demonstra como este é uma das maiores violências que podem ser infligidas a um povo, sobretudo, advertindo-nos dos efeitos nefastos deste sobre aquele que é colonizado, sua língua, sua cultura e suas formas de se relacionar consigo mesmo. Separando o sujeito de tudo aquilo que faz parte daquilo que se entende como um eu, torna-o vazio de significantes particulares. Toda a sua vida e todo o sofrimento pelos quais estes passam tornam-se uma experiência ainda mais complicada e violenta.

A partir dessa separação, desse corte operado pelo colonialismo, podemos compreender como o colonialismo despossa o sujeito de seu sentimento de pertencimento a uma sociedade ou a um grupo. Esse desenraizamento, como colocado por Simone Weil, tem ramificações graves na vida desses indivíduos. É um desapossamento a partir da violência, que busca, a partir das novas formas de lei instituídas pelo colonizador, separar toda uma comunidade daquilo que a constitui e lhe dá uma identidade comunitária.

Sem esse sentimento de pertencimento a um grupo social, o indivíduo encontrar-se-ia perdido, à deriva, lutando com sua própria angústia no que Weil concebeu como o desenraizamento do sujeito, um desenraizamento da alma-sujeito. Sua própria pátria, outrora familiar, lhe é agora o próprio infamiliar de Sigmund Freud, ela lhe é estranha, causa até mesmo perturbação. Não mais consegue assimilar sua antiga cultura, pois já está condicionado pelo modo de viver e pensar do colonizador. Simone Weil pensa, então, a necessidade de um movimento contrário ao desenraizamento da alma, doravante, um enraizamento dessa alma-sujeito, da seguinte maneira:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos de futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente (Weil, 2001, p. 43).

Ao chamarmos essa alma de alma-sujeito, buscamos justamente enfatizar uma das características dessa alma e desse indivíduo: as ações que esse realiza no mundo. É a partir dessas ações no mundo que ele pode se constituir como sujeito pertencente a um grupo ativo socialmente.

O enraizamento de Carolina pode ser operado tendo como ferramenta, sobretudo, a sua atividade como escritora, é isso que mantém sua dignidade como ser humano. Mesmo enfrentando tantas dificuldades durante sua vida, mesmo tendo que trabalhar exaustivamente, ela ainda consegue perseverar em sua escrita. Nesse labor diário, podemos encontrar um reflexo das formas de desenraizamento, quando, para sobreviver, o sujeito tem que devotar todos seus esforços para conseguir dinheiro e comida, ele perde qualquer ideia de pertencimento a uma sociedade. Suas preocupações giram em torno de uma necessidade: a sobrevivência. O desenraizamento é, pois, uma doença, como aponta Weil. É justamente esse desenraizamento que a escrita dos diários de Carolina busca refrear, a angústia causada pela falta de pertencimento.

Eles fixam Carolina em um movimento de introspecção, de interiorização do olhar, um dos movimentos necessários para o cuidado de si e para o consequente conhecimento de si. Michel Foucault diz, em seu seminário de 13 de janeiro de 1982:

... ocupar-se consigo é conhecer-se. Seguramente, uma questão se coloca: como é possível conhecer-se, em que consiste este conhecimento? Aparece então uma passagem que terá ecos nos outros diálogos de Platão, sobretudo nos diálogos tardios, a da metáfora, bem conhecida e frequentemente utilizada, do olho. Ora, se quisermos saber como a alma, posto que sabemos agora que é a alma que deve conhecer-se a si mesma, pode conhecer-se, tomemos o exemplo do olho. Sob que condições e como um olho pode se ver? Pois bem, quando percebe sua própria imagem que lhe é devolvida por um espelho. Mas o espelho não é a única superfície de reflexo para um olho que quer olhar-se a si mesmo. Afinal, quando o olho de alguém se olha no olho de outro alguém, quando um olho se olha em um outro olho que lhe é inteiramente semelhante, o que vê ele no olho do outro? Vê-se a si mesmo (Foucault, 2010, p. 64-65).

Assim como a alma sob a qual Simone Weil se dobra e uma alma-sujeito, a alma da interpretação foucaultiana também o é. Em sua interpretação da alma ele aponta que esta se usa do corpo, não como uma mera ferramenta, mas como uma atitude que adota. Como uma forma de bem posicionar o indivíduo no mundo.

A metáfora do olho, acima citada, aponta justamente para como o cuidado de si vai além do sujeito: ele tenciona as nossas relações com o outro, instigando nossas relações com o grande Outro lacaniano: a linguagem, as leis, a sociedade, a cultura

ou até mesmo o colonizador.⁴ Este último é entendido como uma nova imposição, uma substituição forçada, através da violência, de antigas formas de entendimento da realidade.

O Pensamento Decolonial e o Quarto de Despejo

O movimento decolonial tem como principal objetivo repensar as formas de pensamento, a construção de identidades e as formas de subjetivação que foram, por vários séculos, construídas a partir da vigência do pensamento do colonizador, seja ele qual for. O decolonialismo consiste em colocar em exposição aquilo que é propriamente nosso e aquilo que não é, aquilo que advém do colonizador e quais as implicações do poder exercido por este sobre o colonizado.

Desses efeitos, o pensamento decolonial, busca, mais especificamente, compreender como as formas de vida e modelos de pensamento do colonizador moldam as formas de nos relacionarmos como membros de uma sociedade, outrora distinta, e agora despida de suas características próprias.

Ao se pensar o movimento decolonial, deve-se apontar como este demorou mais a alcançar a filosofia do que outras áreas, como, por exemplo, as artes plásticas ou a literatura. Isso se deve à forte influência, ainda presente na filosofia, de um pensamento majoritariamente eurocêntrico dentro da academia, ignorando a grande variedade de pensamentos e de formas de se fazer filosofia. Em muitos casos, esse eurocentrismo busca mitigar essas formas de se fazer conhecimento, ou sobrepô-las, relegando-as à marginalidade do fazer filosófico. Não sendo então mais consideradas filosofias, mas apenas tentativas, ou no muito, início de um pensamento que virá a se constituir como filosófico adiante na história.

Quem será o responsável por declarar o momento em que irá acontecer a ruptura entre essa vida intelectual infantil(izada) e o momento de maturidade das formulações produzidas pelos intelectuais fora desse círculo norte-americano e europeu? De um pensamento filosófico brasileiro, chinês ou colombiano?

Isso se faz ao concebermos nossa sociedade em suas determinadas mazelas e em suas próprias virtudes e vicissitudes! Essa seria a forma ideal de se conceber um pensamento independente, atravessado pelas discussões correntes no tecido social. Enfatizando que isso não significa excluir ideias e conceitos estrangeiros, mas subverter, desconstruir e reconstruir os mesmos de forma a delinear aquilo que caracteriza um sujeito em sua respectiva sociedade, em um espaço e tempo próprios, como fizeram Heisaku Kosawa e Lélia Gonzalez.

Parte essencial das razões para a discriminação sofrida por Carolina Maria de Jesus partia principalmente das academias, que não tiveram como interesse colocar o discurso literário de uma mulher pobre e negra como elemento central para enlevar

⁴ Esse Outro, ou melhor, esse *Autre*, como escreve Lacan em francês, é uma posição onde “onde se coloca para o sujeito a questão de sua existência” (Quinet, 2012, n.p). O Outro é uma posição que exerce poder sobre o sujeito, que lhe demanda algo (que não se sabe o que é), motivo de angústia para o sujeito.

a discussão sobre as condições não somente das mulheres, mas das mulheres negras e periféricas em uma sociedade patriarcal e racista como o Brasil. E é importante distinguirmos principalmente a experiência da mulher e não das mulheres, pois Carolina trata, em seu diário, de suas experiências particulares, subjetivas, como mulher, como pessoa negra ou como favelada. Ela trata daquilo que a marcou e que constituiu parte de sua identidade como pessoa e como escritora, lança seu olhar sobre a vida em um círculo muito próprio, onde a figura da mulher negra estava, e continua, sujeita a diversas adversidades diferentes daquelas que pesam sobre as mulheres brancas ou aos homens.

Esse movimento caracteriza, muito apropriadamente, a experiência de um sujeito em um lugar que é próprio, refletindo e demarcando experiências que acusam na sociedade seus defeitos oriundos de uma colonização que ainda se faz presente. Aquilo que Lélia Gonzalez chamou de *racismo à brasileira*, teve na obra de Carolina Maria de Jesus uma demonstração particularmente primorosa. O quarto de despejo pensado pela escritora é aquele ao qual se reserva o indesejado das experiências e da vida do colonizado.

Consideremos uma das hipocrisias apontadas por Simone Weil em *Contra o colonialismo*: a distância. Ela concerne, justamente, a forma como lidamos com as subjetividades de outrem, com seu sofrimento, mesmo sendo nosso semelhante. De acordo com ela a distância parece afetar a sensibilidade humana, quando distantes daqueles que sofrem não nos sentimos afetados por sua situação, escreve ela:

Primeiro, eles estão longe. Todos sabemos que o sofrimento diminui com a distância. Um homem que sofre ao apanhar, exausto pela fome, tremendo diante de seus chefes, na Indochina representa um sofrimento e uma injustiça menores que um metalúrgico da região parisiense que não obtém seus 15% de aumento, ou um funcionário público vítima de decretos-lei. Deve haver uma lei da física que se relaciona ao inverso do quadrado da distância. A distância tem o mesmo efeito sobre a indignação e a simpatia que sobre a gravidade (Weil, 2019, p. 45-46).

Essa distância é materializada na escrita de Carolina Maria de Jesus ao comparar a favela com o quarto de despejo, pois este é onde colocamos tudo que deveria ser ocultado, que envergonha, aquilo que em suas manifestações não nos comove. Assim, separam-se não somente as pessoas em espaços distintos, mas também se decide quem deve ter uma voz a ser ouvida ou não. Os pobres não têm o mesmo direito à cidade. Escreve Carolina, no dia 20 de maio:

...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na

favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Maria de Jesus, 2014, p. 37).

Concomitantemente a essa metáfora tão rica do quarto de despejo, Simone Weil, ao refletir sobre o trabalho dos operários das fábricas francesas, denuncia como estes foram, de certa maneira, exilados, mesmo fazendo parte integral da sociedade. Um movimento similar ao que é engendrado nas favelas, ou no quarto de despejo, como metaforizou Carolina. O trabalhador sobre o qual Simone Weil refletia e o favelado da experiência de Carolina são, ambos, produtos de discursos que excluem e negam ao outro uma participação social, que não seja aquela de mão de obra. Weil declara que:

A principal dificuldade social de nossa época vem do fato de que num sentido eles são imigrantes. Embora geograficamente no mesmo lugar foram moralmente desenraizados, exilados e readmitidos, como por tolerância. A título de carne de trabalho (Weil, 2001, p. 45).

Ignorando-se discursos de grandes escritores como Carolina Maria de Jesus, apenas reforçamos a hegemonia do poder do colonizador, assim, as estruturas sociopolíticas e linguísticas responsáveis por esfacelar as possibilidades de levante dessas vozes comumente marginalizadas se perpetuam dentro dos espaços literários. Lembremos que esses "outros" estão aqui, e devem ser ouvidos atentamente. É preciso um exercício diário de escuta, de nos recordarmos que não estamos isolados em pequenas ilhas, condomínios, onde a voz daquele que está longe da minha realidade não tem a mesma importância das minhas demandas. Michel Foucault aponta, inclusive, que "os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da 'consciência' e do discurso também faz parte desse sistema" (Foucault, 2021, p. 131).

Carolina usou seu diário como arma de defesa aos ataques dos vizinhos, para denunciar aquilo que acontecia na favela, como forma de deixar os vizinhos envergonhados quando seu modo de agir fosse colocado sob o olhar do outro. A raiva que os vizinhos de Carolina direcionaram então para a prática da escritora, não era nada mais que uma tentativa de também desenraizá-la, que era vista por eles como uma criatura estranha dentro da favela, e como escrevia Weil: "quem é desenraizado desenraiza. Quem é enraizado não desenraiza" (Weil, 2001, p. 47).

Nessa perspectiva da escrita como exercício diário e como forma de construção narrativa de si, o texto de Carolina se encaixa perfeitamente aos moldes daquilo que o movimento decolonial almeja, isto é, a construção de uma identidade que seja autônoma, no sentido de se estar a par das influências que regem as relações interpessoais e as formas como nos utilizamos, por exemplo, da linguagem. Como, exemplarmente, aponta Lélia Gonzalez, acerca da influência de línguas africanas na nossa língua atualmente, constituindo o que ela chamou de um *pretuguês*: "que nada mais é do que marca da africanização do português falado no Brasil" (Gonzalez, 2018,

p. 322). Tendo isso em mente, investigaremos a seguir justamente o que foi feito com a linguagem de Carolina, mais especificamente seus erros.

A linguagem de Carolina

Um dos pontos mais pungentes e mais criticados no diário de Carolina é sua escrita, por muitas vezes sendo usado como argumento para desqualificar a literariedade do seu texto. Sua escrita, por não seguir as regras da língua portuguesa dita culta, por vezes chegou a ser motivo de escárnio, e prova de que o diário seria apenas isso, um diário qualquer, ignorando o conteúdo e se atentando apenas a normas de linguagem.

O que gostaríamos de apontar é que exatamente por ser escrito da forma que foi, o trabalho de Carolina Maria de Jesus se destaca, e como já foi muitas vezes apontado: seu texto é também uma denúncia daquilo que ela e sua família suportaram, do estado em que eram mantidos e como o governo e a sociedade viam o favelado: como vagabundos, como convidados indesejados. Força principal por detrás do título dado ao seu diário, *quarto de despejo*, onde é colocado tudo que é indesejável, para não ficar à vista das visitas importantes, aquelas que têm o direito de estar na cidade, e não nas periferias desenraizadas. “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Maria de Jesus, 2014, p. 32).

As denúncias não se encontram somente no que é dito por Carolina, mas também naquilo pelo que tanto foi julgada: sua escrita. É claro que a escrita de Carolina é produto de um sistema educacional falho e das suas condições de vida, que a fizeram sair cedo da escola, tendo tempo apenas para encontrar lá sua paixão pelos estudos e pela escrita.

É na escrita *errada* de Carolina que a maior denúncia acontece, pois é nesses erros que ela mostra sua condição como sujeito indesejado, até porque Carolina está indo contra um sistema que foi construído e pensado para que a mesma não tivesse as condições necessárias para se fazer autônoma. Sem tempo para descanso, pois é preciso catar papéis nas ruas da cidade para sobreviver, como ter tempo para a escrita? Carolina o encontra principalmente nas noites, ao chegar em casa tarde e mesmo cansada, a atividade quase diária praticada pela escritora não deixa de acontecer.

Foucault, em suas análises do poder, ou melhor, dos poderes, aponta como esses mecanismos estão dispersos dentro da sociedade de forma quase imperceptível. Eles acontecem a todo momento e entre todos nós. Em uma sociedade onde o racismo e a exclusão do povo negro são tão fortes como no Brasil, vale notar que a invisibilidade de uma escritora como Carolina Maria de Jesus se deve justamente a essa estrutura. Uma estrutura onde a possibilidade de uma mulher negra ser vista como um dos maiores nomes da literatura nacional é quase impensável, mesmo tendo como pretensão uma suposta homogeneidade de raças, que, no fundo, é apenas um disfarce para o racismo velado que acontece dentro das várias instâncias sociais brasileiras, como apontado por Jocélio Teles dos Santos em sua obra *O poder*

da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil.
Lê-se:

Transitando entre ideia e mito na qualificação da democracia racial no Brasil. Florestan Fernandes observava que, se vista pelo ângulo do comportamento coletivo das populações de cor, constituía-se em um mito cruel, e acreditava que poderia acontecer “essa” democracia racial, a partir de alguns fatores potenciais como economia de subsistência, desenvolvimento (leia-se industrialização) e oportunidade de emprego. Na análise de Florestan, confunde-se tolerância racial com democracia racial” (Teles dos Santos, 2005, p. 15).

Tendo na escrita sua principal fonte de resistência aos poderes diversos que incidem sobre ela, Carolina busca nesta o apoio que não encontra em outro lugar. Essa característica tão peculiar da escritora brasileira impossibilita que, até mesmo uma tradução de seu diário, se mostre fiel ou próxima ao texto fonte, até porque como seria possível traduzir o *erro*?

Ultrapassando os limites que lhe foram impostos, Carolina conseguiu se colocar em um lugar onde nenhum outro autor se colocou. Teve em seu berço a originalidade advinda, contudo, da falta de uma educação apropriada.

Considerações Finais

A escrita de Carolina, incentivada desde a sua infância, é um dos remédios que lhe auxiliaram em seu enraizamento, na sua mais profunda intimidade, lhe mantiveram sã. Lembremos o papel da educação que aponta também Weil em *O enraizamento* como sendo intrínseco na missão de desenraizamento de um povo, uma educação insuficiente nada pode fazer para iluminar um povo. No entanto, mesmo com a falta de uma educação adequada, Carolina consegue sobressair-se às dificuldades graças a sua própria maquinação.

Diferentemente de seus vizinhos na favela, Carolina, mesmo com seu corpo mergulhado na desgraça do trabalho exaustivo, manteve sua imaginação e alma intactas, mantendo no horizonte de sua escrita o registro superior da possibilidade de uma saída desse sofrimento constante, ao contrário daqueles, que estavam “mergulhados na desgraça de corpo e alma, incluindo a imaginação, como imaginariam algo que não tenha essa marca?” (Weil, 2001, p. 52).

Contudo, é necessário que se tenha em mente que as dificuldades de se ter tempo, vontade ou sensibilidade para escapar do desenraizamento advindo do movimento colonial, ou de seus rastros ainda sentidos na sociedade brasileira, não são uma questão simples. É necessário um esforço magistral de diferentes

instituições, como o governo e a escola, pois é na educação que o indivíduo pode encontrar uma forma de se localizar dentro do maquinário social.⁵

Uma vez que o labor diário e exaustivo consome as forças de uma parcela da população, esta não terá como prioridade o acesso à cultura, às artes, à música ou à natureza, pois as necessidades mais básicas ainda não foram satisfeitas. Lê-se em Simone Weil que: “há dois obstáculos que tornam difícil o acesso do povo à cultura. Um é a falta de tempo e de forças. O povo tem pouco lazer a consagrar a um esforço intelectual; e a fadiga põe um limite à intensidade do esforço” (Weil, 2001, p. 64).

Quando Simone Weil aponta a questão da sensibilidade desenraizada que demonstravam os camponeses. Depois de suas jornadas de trabalho, já exaustos, a sensibilidade era substituída pelo cansaço do corpo, a alma logo era esquecida, não se alimentava mais da beleza das paisagens, seu alimento é então o mínimo de descanso do qual dispunham, suficientes apenas para manter o corpo vivo. Escreve Weil:

De maneira geral, toda a instrução, nos vilarejos, deveria ter por objetivo essencial aumentar a sensibilidade a beleza do mundo, a beleza da natureza. Os turistas, é verdade, descobriram que os camponeses não se interessam pelas paisagens. Mas quando se compartilha com camponeses jornadas de trabalho esgotantes, que é o único procedimento para conversar com eles francamente, ouvem-se alguns lamentar que seu trabalho seja duro demais para deixá-los gozar as belezas da natureza (Weil, 2001, p. 82).

Consoante ao pensamento da filósofa francesa, essa empreitada, este desinteresse pela educação de determinadas partes da sociedade, estaria relacionada a uma mentalidade colonialista, mesmo que em menor grau, o que significaria isso? Que o camponês, por exemplo, é visto por outros integrantes da sociedade como tendo menor capacidade para absorver, em sua totalidade, aquilo que outras camadas sociais mais instruídas, nas cidades, por exemplo, possuem. Em 15 de maio, Carolina escreveu em seu diário: “A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido” (Maria de Jesus, 2014, p. 32). Nesse trecho podemos ver como a

⁵ Podemos pensar, sobretudo, uma educação voltada à apreciação das artes e das ciências, fortificando o ensejo por informações e o consumo dessas informações de maneira crítica. Quando nos voltamos à era das *pós-verdades* e das *fake news*, temos que, acima de tudo, garantir que o sujeito possa ter a capacidade de identificar os movimentos que se beneficiam de tais construções falsas, com quais motivações e quais as ideologias por detrás destas. Entendendo a pós-verdade “como um adjetivo relacionado a circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais” (Siebert; Pereira, 2020, p. 240). Deve-se objetivar uma educação capaz de equilibrar o processamento crítico e lógico de informações conjuntamente com a apreciação das artes, como a literatura, música e artes plásticas. Porém, sabemos que o acesso ainda é, para muitos, uma realidade distante, como podemos ver com Carolina Maria de Jesus e com Simone Weil. Daí se faz a necessidade pública de melhores condições de vida, com acesso a todo um sistema de educação e saúde de qualidade.

escrita tem um papel importante no enraizamento do indivíduo e no florescimento de sua sensibilidade.

Além disso, existe também uma tentativa de distanciamento por parte daqueles que são *educados* e aqueles que não o são. Um exemplo interessante disso é o de indivíduos que, advindos de famílias simples, ignoram agora o lugar de onde vem, rechaçando-o como vergonhoso por sua falta de estudos, como foi o caso do escritor francês Édouard Louis, que relembrou bem esse ressentimento para com os familiares em sua obra *História da violência* (2020 [2016]). Outro exemplo interessante seria o personagem Alexander Portnoy da obra *O complexo de Portnoy* (2004 [1969]) do escritor americano Phillip Roth, que estava sempre entre idas e vindas com a raiva e o ressentimento que sentia para com seu pai e sua falta de instrução, e com a esperança de que esse quadro pudesse ser mudado. Essa esperança lhe fazia enviar revistas para o pai ler e adquirir algum *conhecimento*, para ao fim, estas serem apenas ignoradas por seu pai.⁶

Weil nos lembra que, para além da educação, a qualidade dos lazeres de que dispomos deve ser superior à quantidade, ou seja, o tempo que se tem, dever-se-ia buscar passá-lo com lazeres de qualidade, como a literatura, a boa música ou qualquer outro. É possível pensarmos nessa afirmação de Weil em contraste com a nossa contemporaneidade, onde encontramos tantas formas de distração, tantos ditos lazeres, mas que nada mais são que quietivos da alma e do intelecto, lazeres pensados para que as massas continuem afundadas na mediocridade e na falta de pensamento reflexivo. São *lazer*es quietivos da apreciação da vida em suas maiores e melhores ofertas e que não resguardam a alma das angústias existenciais. “A verdade ilumina a alma na proporção de sua pureza e não de alguma espécie de quantidade. Não é a quantidade de metal que importa, mas o grau da liga” (Weil, 2001, p. 64).

Podemos concluir, a partir dessa leitura dos mecanismos de poder, de seu funcionamento, da noção de escrita de si e das noções de desenraizamento e enraizamento que trouxe Simone Weil, que a obra *Quarto de despejo* é um exemplo perfeito de decolonialidade. Além disso, é exemplar em como a escrita pode ser uma ferramenta fundamental para a consolidação do sujeito como ser enraizado. Carolina Maria de Jesus não somente vive o Brasil, ela é o Brasil. Antes de tudo, um Brasil conhecido apenas por aqueles aos quais as estruturas e mecanismos de poder se fazem exercer de forma mais contingente, sem restrições, de forma até mesmo proibitiva, como nos lembrou Lélia Gonzalez. Proibindo o acesso à cidade, proibindo

⁶ Ambos os autores tratam, de alguma forma, suas posições como sujeitos frente ao Outro (suas sociedades, suas famílias, etc.), mesmo movimento produzido por Carolina Maria de Jesus, que soube não apenas ler o grande Outro, como soube desafiá-lo através da escrita. Na obra *História da violência* (2020), Édouard Louis aborda, de forma semi-biográfica, um estupro sofrido por ele ao encontrar-se com um rapaz desconhecido e levá-lo para casa. Essa violência o leva a uma discussão sobre diversos aspectos de sua vida e educação até aquele momento, aspectos constitutivos da pessoa que ele era. Podemos dizer serem aspectos do Outro que o constituíam. Por sua vez, Phillip Roth aborda, com sua obra *O complexo de Portnoy* (2004), a vida de um personagem às voltas com sua sexualidade, religião e família, instituições que também moldam o seu ser. Todos atravessados por uma questão: como sair disso? Como transformar-me em algo diferente daquilo que sou agora?

o acesso à cultura. Como destaca Foucault, o poder não tem apenas a função de reprimir, pois se fosse isso não poderia ir longe. Escreve ele:

Ora, me parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor no poder. Quando se define os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria a força da proibição. Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (Foucault, 2021, p. 8).

Podemos avaliar que a situação social, política e econômica na qual Carolina e sua obra se encontravam, aquele Brasil dos anos 50 e 60, que tanto se assemelha ao Brasil atual, de 2023, é produto de poderes que se fazem exercer, não advindos de um locus oculto, mas do cotidiano, das nossas próprias relações.

O que Carolina desenvolveu, como forma de constituir a ela mesma e como forma de denúncia, é justamente o primeiro passo em direção a uma autonomia, há muito tempo necessária. Uma autonomia não somente do pensamento, mas das antigas crenças que fazem o outro ser excluído da vida, excluído da educação e das oportunidades de enraizamento da alma. Com isso queremos apontar uma compreensão, da parte da escritora, do sistema que se beneficia da situação em que ela se encontra, o que a faz se utilizar da escrita como forma de subjetivação e como forma de denúncia. Carolina pode construir uma existência materializada pela escrita, movimento que a escrita de si tem o poder de ofertar.

E se designar os focos, denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tinha tido consciência disso, mas porque falar a esse respeito – forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo – é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder (Foucault, 2021, p. 138-139).

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro (Maria de Jesus, 2014, p. 167).

Ao fim, podemos conceber que os esforços de Maria Carolina de Jesus para se fazer escritora e poetisa, tendo seu merecido reconhecimento como tal, apesar dos mecanismos e influências das instâncias de poder que se exerciam contra ela, com nossa participação como leitores e estudiosos, foram, com o tempo, justificadamente bem-sucedidos.

Referências

- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2021.
- FOUCAULT, Michel. L'écriture de soi. **Corps écrit**, Paris, nº 5, pp. 3-23, févr. 1983.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**, in: Primavera para as rosas negras. São Paulo: UCPA Editora, 2018.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2014.
- JONATHAN, Culler. **Literary Theory: a very short introduction**. 1997.
- LOUIS, Édouard. **História da violência**. São Paulo: Tusquets, 2020.
- QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ROTH, Philip. **O complexo de Portnoy**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Edufba, 2005.
- SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 239-249, 2020.
- WEIL, Simone. **Contra o colonialismo**. Bazar do Tempo, 2019.
- WEIL, Simone. **O Enraizamento**. São Paulo: EDUSC, 2001.